

A FAMÍLIA NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO: UMA DESCRIÇÃO VETEROTESTAMENTÁRIA

Reginaldo Pereira de Moraes¹

RESUMO:

Neste artigo analisa-se como era composta a família no Antigo Testamento, como ou onde moravam, como aconteciam os casamentos, se havia distinções de tarefas e o que estava destinado a cada um dos membros, como eram tomadas as decisões, quais seriam as principais dificuldades enfrentadas por uma família nos tempos antigos e também, como era desenvolvida a religiosidade familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Família patriarcal, Relacionamento familiar, Povo hebreu.

ABSTRACT:

In this article it is analyzed how the Old Testament family was composed, how and where they lived, how was the marriage process if there were task distinctions and what was determined for which one of the members, how was the decisions taken, what would be the main difficulties faced by an ancient times family and how the familiar religiosity was developed.

KEYWORDS: Patriarchal family, Family relationship, Hebrew people.

INTRODUÇÃO

Costumeiramente se tem uma ideia um tanto distorcida acerca da família e seus costumes, na antiguidade. Não poucas vezes, se ouve ou se lê que os povos bíblicos eram arcaicos, selvagens, ignorantes e/ou sem regras. Mas, mesmo uma leitura rápida de alguns textos bíblicos permite perceber uma versão mais coerente para os fatos.

A principal fonte dos dados aqui abordados é a pesquisa teológica, a partir de autores clássicos, e bem como alguns novos, mas que trazem uma boa disposição dos fatos. Sem, é claro, ignorar as passagens sagradas.

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio do CAPES – Brasil. Mestrando em Teologia, na área de Bíblia (com especialidade em Antigo Testamento) pela Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo – RS. Professor de Antigo Testamento no Seminário Teológico Betânia de Curitiba e Pastor Auxiliar na Igreja Batista Ágape. - reginaldopmoraes@gmail.com

DEFINIÇÃO E COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA PRIMITIVA

O termo principal para *casa* no hebraico é **בַּיִת** (bayit). Segundo Goldberg,² ele pode ser utilizado para designar a casa, alguma parte interior, o lar, a família, ou ainda um templo ou uma determinada localidade. É usado com o sentido de local onde se mora, ou partes da casa. Pode ser utilizado para referir-se ao local do sepultamento dos pais e, também, com certa frequência, para designar a composição familiar, fazendo-se referência à descendência de alguém (casa de Abraão – Gn 18:19 e casa de Davi – 2 Sm 7:11) ou então para fazer alusão àqueles que viviam juntos (casa de Jacó – Gn 35:2).

A casa do pai, como era comumente chamada, era uma aglomeração de familiares até a quarta geração.³ Essa família estendida poderia ser composta apenas através de laços sanguíneos ou pela economia comum,⁴ sendo miscigenada por parentes, visitantes permanentes e/ou escravos que moravam juntos e tinham colaboração ativa nos trabalhos do dia a dia.⁵ Adicionalmente, a palavra pai não era usada apenas no âmbito biológico, mas também de forma jurídica, designando aquele que alimenta e protege, podendo incluir-se como objetos de proteção sobrinhos, irmãos, filhos adotivos e até mesmo escravos; todavia sua responsabilidade primeira era para com a (s) esposa (s) e os filhos e filhas.⁶

² GOLDBERG, Louis. Bayit In: HARRIS, R. Laird (Organizador); ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 174,176

³ WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. Trad. Antônio Steffen. 1 ed. rev. e atual. São Paulo: Hagnos, 2007. p. 255

⁴ DONNER, Herbert. **História de Israel e dos Povos Vizinhos: dos primórdios até a formação do Estado**. 4 ed. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006. 1. v. p. 177.

⁵ GERSTENBERGER, Erhard S. **Casa e Casamento no Antigo Testamento**. In: Estudos Teológicos. n. 42, 2002. p. 84

⁶ MATTHEWS, Victor Harold. **Social World of ancient Israel 1250-587 BCE**. Peabody: Hendrickson Publishers, 1995

Outra palavra muito utilizada para também se referir à família é מִשְׁפָּחָה (*mishpahah*); porém, diferentemente de בַּיִת (*bayit*), esta se refere, em geral, a um grupo bem maior, denominado clã, onde várias famílias estavam ligadas por um elo sanguíneo⁷. Para manter esta estrutura familiar consanguínea, geralmente fazia-se uso da endogamia, i. e., o casamento dentro da própria tribo.

OS CASAMENTOS

As uniões conjugais na antiguidade passaram por um processo de desenvolvimento ao longo dos tempos. De uma fase bem simples, na qual o noivo apenas levava sua noiva para a tenda (Gn 24.67), “evoluíram” para cerimoniais bem mais elaborados, com festas que duravam uma semana. Também teve avanço no que diz respeito à sexualidade; pois, segundo Winters, a ética sexual procriativa e dentro do casamento nasceu da necessidade de mais mão de obra, ou seja, pela dificuldade oriunda da necessidade do cultivo cada vez mais intensivo da terra e suas peculiaridades, o casamento passa a ser valorizado e “utilizado” com fins de procriação e de manutenção da casa.⁸

Nos casamentos em geral, prevalecia a poligamia: a possibilidade de o homem ter concubinas como esposas secundárias ao lado da esposa principal; embora desde muito cedo já houvesse casamentos monogâmicos.⁹ De certo modo, a monogamia só vai se consolidar no final da era veterotestamentária. Apenas raramente era dado aos noivos o direito de escolherem seus parceiros. Isso, em geral, era função dos pais, os quais muitas vezes, decidiam desde muito cedo.¹⁰

Embora muitos casamentos fossem “arranjados”, por assim dizer,

⁷ AUSTEL, Hermann J. *Mishpahah* in: HARRIS, 1998, p.1602

⁸ WINTERS, Alicia. **A Mulher no Período Pré-Monárquico**. In: RIBLA. n. 15. 1993 p. 19

⁹ THIEL, Winfried. **A Sociedade de Israel na Época Pré-Estatal**. Trad. Ilson Kaiser, Annemarie Höhn (notas). São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulinas, 1993. p. 33.

¹⁰ MATTHEWS, 1995. p. 13,14.

não se pode falar da inexistência de romance nesses relacionamentos. O livro de Cantares é um verdadeiro hino do amor; o livro de Gênesis menciona o amor de Isaque e Jacó por suas respectivas esposas (Gn 24.67, 29.18); Sansão pede aos seus pais que providenciem o casamento com uma filisteia de Timna a qual muito lhe agradara (Jz 14.3); Elcana amava a Ana (I Sm 1.5); Abimeleque percebeu ao olhar o comportamento de Isaque e Rebeca que eles não eram irmãos, mas marido e mulher (Gn 26.8,9).¹¹ Em outras palavras, em uma cultura onde a procriação e os acordos político-familiares regiam as regras das uniões conjugais, ainda assim, havia lugar e espaço para o amor e seus encantos.

Outro costume muito usado na antiguidade era o dote, que embora possa ter contribuído para o fato de que a mulher muitas vezes fosse considerada uma posse do marido, era utilizado como uma forma de proteção para a mulher.¹² Era dado ao pai dela e servia como garantia para os casos de repúdio ou falecimento do marido (ambos muito comuns naquela época).

A lei do levirato também tinha como preocupação beneficiar a viúva e manter a estrutura igualitária da sociedade. De imediato se pensa logo na memória do falecido, todavia num estudo mais cuidadoso isso passa a ser secundário diante do amparo à viúva, da manutenção da herança e da continuidade da tradição familiar.¹³

O adultério tinha um sentido diferente do que o que lhe atribuímos hoje. Ele não tinha apenas uma conotação de depravação moral, antes, era visto, também, como violação do “direito paternal”, ou seja, para se certificar que o filho era de fato do marido, proibia-se o adultério.¹⁴ Diferentemente do que alguns poderiam pensar, a sociedade hebreia era bem regrada na questão sexual; além deste controle de paternalidade,

¹¹ Para maiores informações a respeito deste tópico, sugere-se WOLFF, 2007. p. 255-269

¹² GERSTENBERGER, 2002. p. 83.

¹³ WINTERS, 1993. p. 22.

¹⁴ WINTERS, 1993. p. 20

havia vários indícios de apelo moral: era considerada uma abominação manter relações sexuais com a mulher do próximo, com a mãe, com a nora, com pessoas do mesmo sexo ou com animais. Nesses casos, exigia-se a morte da pessoas envolvidas. (Lv 20.10-16).

MORADIA E HERANÇA

Na fase do nomadismo, os povos habitavam em tendas, as quais configuravam uma morada ágil e portátil, que se podia colocar onde se achasse conveniente sem dificultar a retomada da caminhada. “Do ponto de vista social, a tenda é o lugar onde se realiza de forma eminente a coesão do grupo familiar e o acolhimento do hóspede.”¹⁵ A praticidade para armar e desarmar favorecia seus constantes deslocamentos, os quais eram determinados por questões climáticas ou pela falta de alimentos. Além desta facilidade de deslocamento, capaz de dar aos itinerantes um senso mui grande de liberdade, sua estrutura flexível permitia que seus limites fossem ampliados para o acolhimento de novos integrantes do clã.¹⁶ Outro dado interessante diz respeito ao fato de que tudo leva a crer que as mulheres possuíam tendas próprias (Gn 24:67, 31:33,34, Jz 4:17).

Enquanto que no período de sedentarização as casas passaram a ser construídas de pedras e argamassa e, segundo Goldberg, “possivelmente as paredes eram retangulares com um pátio em frente, [...] havia também um espaço para os animais domésticos e um quarto de dormir. A comida era normalmente feita do lado de fora.”¹⁷

A transmissão de propriedades se dava através da linhagem masculina, embora houvesse a possibilidade da existência de herdeiras. Mas, em geral, segundo Thiel, com a morte do pai, o filho mais velho

¹⁵ BOSETTI, Elena. **A Tenda e o Bastão**: figuras e símbolos da pastoral bíblica. Tradução de Floriano Tescarolo. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 21

¹⁶ BOSETTI, 1995. p. 23

¹⁷ GOLDBERG, 1998. p. 175.

herdava o direito de administrar a família e seus patrimônios. E na falta de um filho da esposa principal o filho de uma concubina poderia assumir o comando, desde que fosse legitimado pelo pai. Ou ainda, em raras ocasiões, um escravo de confiança poderia ser escolhido para herdar os bens de alguém que não tivesse filhos (Gn 15.2,3).¹⁸

ROTINA DE TRABALHO E DIVISÃO DE TAREFAS

Na era patriarcal, vivia-se numa cultura nômade. Cuidava-se principalmente de rebanhos – em geral os de pequeno porte, embora haja menções a camelo e jumentos – mas também exercia-se, de forma rudimentar, a agricultura e a viticultura. Assim, pode-se dizer que o sustento principal: vinho, pão, leite e carne, provinha da pecuária, da agricultura e das caças esporádicas.¹⁹

No período posterior, quando já estavam assentados em Canaã e estruturados em cidades e aldeias, segundo Reimer, a sociedade era composta de 90% de camponeses e 10% de cidadãos que moravam nas cidades fortificadas (entre estes estavam o pessoal da corte, os militares, artesãos e religiosos). A economia básica passa a ser agrária (no campo) e artesanal (na cidade). As transações econômicas eram típicas de uma “sociedade segmentária”, ou seja, as trocas ou relacionamento sócio-político se desenrolavam a partir das relações de parentescos.²⁰

O processo de transição para esta fase mais agrária se deu de forma gradual, à medida em que os hebreus iam se familiarizando com os assentamentos e seus desafios, tais como irrigação e a necessidade da construção dos terraços nas montanhas (os quais já eram feitos desde 1200 a.C). É claro que uma grande evolução aconteceu com a chegada da era do ferro, pois, com isso, as ferramentas foram melhoradas, o arado

¹⁸ THIEL, 1993. p. 33

¹⁹ DONNER, 2006. p. 87

²⁰ REIMER, Haroldo. **Sobre Economia no Antigo Israel e o Espelho de Textos da Bíblia Hebraica**. In: REIMER, Ivoni Richter. Org. Economia no Mundo Bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006. p. 9

foi inventado e a tecnologia deu um salto para a melhoria da vida como um todo.²¹

Quanto à questão de gêneros, não é possível encontrar um único conceito que possa servir como padrão. Por exemplo, inicialmente Eva era tida como “Fonte da vida”, uma ajudadora idônea, e mais tarde, no final do período bíblico, passou a ser encarada como fonte da morte e do mal, algo que se devia controlar e dominar. Nos primórdios, pelo fato de o mistério da existência humana, através do nascimento, estar sob o poder da mulher, logo se passou a valorizá-la. Porém, uma dificuldade maior, oriunda dessa valorização foi sua grande influência e participação nos cultos sexuais de fertilidade (tanto do solo, quanto da própria fecundidade humana). Isso principalmente nas culturas vizinhas aos povos hebreus, mas não exclusiva a estas.²² No geral, porém, o envolvimento da mulher na economia agrícola e na criação de novas gerações de israelitas coloca ambos (Homem e Mulher) em pé de igualdade, na consecução dos ideais da aliança.²³

Quanto à divisão de tarefas, cabia às mulheres a responsabilidade mais importante do grupo: o papel da procriação, o cuidado do menino até o desmame e da menina até o dia do casamento. Pode-se dizer ainda que, embora não haja muitos indícios, elas eram as especialistas ou propagadoras dos cultos dedicados aos grupos familiares. Segundo esta visão, aos homens cabia o dever da proteção da casa, e da educação dos filhos a partir do desmame, das negociações do casamento das filhas e das iniciativas quanto aos cultos envolvendo sacrifícios locais ou regionais. No que diz respeito ao cuidado com a produção do alimento, ambos

²¹ CLEMENTS, R. E. **O Mundo do Antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas.** São Paulo: Paulus, 1995. p. 86.

²² MEYERS, Carol. **As Raízes da Restrição: as mulheres no Antigo Israel.** In Estudos Bíblicos 20. 1988. p. 11,13

²³ MEYERS, 1988. p. 23.

dividiam entre si as tarefas,²⁴ tanto, pela necessidade de mão de obra quanto como resposta à crise demográfica.

O pai da casa, como chefe, é que determinava quem e quando deveria participar dos trabalhos ou das guerras. Assim, nessa distribuição das tarefas, além das mulheres, como já mencionado, também participavam as crianças e os escravos. Segundo Matthews, as mães ainda tinham as atribuições de gerenciar a casa, supervisionando a produção doméstica, racionando e preparando a comida, produzindo e armazenando a cerveja, os grãos e vegetais, bem como mediando os conflitos domésticos.²⁵

Quanto aos idosos, em geral os homens das famílias nobres ou abastadas, compunham o conselho dos anciãos, o qual efetuava os julgamentos necessários nos portões das vilas, à semelhança da classe aristocrática das cidades cananeias. O pai tomava as decisões dentro da família, enquanto que questões maiores ou envolvendo mais de uma família eram julgadas por esse conselho.²⁶

PATRIA POTESTAS E DECISÕES

Como esboçado anteriormente, o agrupamento familiar no Antigo Oriente Próximo possuía certa supremacia na linha paternal e pode ser definido como patrilinear (a herança e descendência são passadas de pai para filho), patrilocal (a mulher ia morar com a família do noivo) e patriarcal (o ancestral era a figura principal do grupo, o responsável pelas deliberações).²⁷ Em outras palavras a decisão final passava pelo homem.

Desta forma, na sociedade veterotestamentária a família estava sob o poder do pai que, como representante da casa, tinha o domínio sobre os seus membros.

²⁴ GERSTENBERGER, 2002. p. 85,86

²⁵ MATTHEWS, 1995. p. 22.

²⁶ DONNER, 2006. p. 179.

²⁷ GERSTENBERGER, 2002. p. 83.

Ao pai era dado o direito de acolher o filho em casa ou de rejeitá-lo (Gn 19:8, Jz 19:24). Quando escolhia a rejeição, a parteira levava a criança para o campo para que fosse adotada por alguém (Ez 16.3-5). Podia ainda vendê-las como escravo (Ex 21:7), porém não podia entregar sua filha à prostituição (Lv 19:29) e ainda tinha o poder de sentenciar alguém à morte (Gn 38.24).

Embora o ancestral tivesse esse poder de vida ou morte sobre os de sua casa, podendo inclusive usar de força na administração do mesmo, não eram déspotas e nem se esperava crueldade por parte deles; pois ao exercer sua autoridade, representavam o criador: nas funções de alimentador e protetor.²⁸

Não obstante certa supremacia masculina nos relatos bíblicos, tornam-se no mínimo curiosas algumas menções de feitos e decisões tomadas por mulheres. Por exemplo, Ana entrega Samuel ao templo, Sara e a mãe de Sansão mostram certa resistência quanto à decisão tomada por seus respectivos esposos com referência aos filhos. Jacó consulta Raquel e Lia antes de fugir de seu sogro e recebe apoio e colaboração de ambas. Raquel rouba os deuses de seu pai. Raabe negocia com os espiões hebreus em defesa de sua família. Débora, além de guerreira era juíza e também chamada de profetiza, juntamente com Miriã. As filhas de Salfaad, Rute, Tamar e as filhas de Ló tomam a iniciativa para preservar “a casa do Pai”. Quanto a, Rute, por sua solidariedade para com Noemi, é considerada ainda como “mais valiosa do que sete filhos” (Rt 4.15)

DIFICULDADES SOCIAIS

Os períodos até aqui mencionados assitiram a verdadeiras batalhas pela sobrevivência. Ora as pessoas lutavam contra o desconhecido: a natureza e suas intempéries, ora disputavam entre si por comida, por um

²⁸ MATTHEWS, 1995. p. 10.

espaço de terra ou por situações menos nobres. Também havia confrontos com animais selvagens, com inimigos ou então contra as famigeradas pestes e pragas, que, surgidas “do nada” – sem muitas explicações –, devastavam povoados inteiros.

Segundo Winters, a dificuldade era tamanha que a expectativa de vida na antiguidade era de 40 anos para os homens e 30 anos para as mulheres. Algumas mulheres podiam ter até oito filhos, porém havia uma boa probabilidade de todos morrerem antes de chegarem à fase adulta. A média de nascimento era de 4,1 nascimentos por mulher com apenas 1,9 sobreviventes.²⁹ Os não sobreviventes eram geralmente ceifados por pestes, pragas, guerras, fome, ferimentos e/ou ataque de animais selvagens. As mulheres podiam, ainda, chegar a óbito durante os partos, tendo em vista a precariedade de recursos.

Além de uma alta taxa de mortalidade infantil (35% das crianças morriam antes mesmo de completarem os cinco anos de idade), havia muitos órfãos, devido à rejeição por parte de seus pais ou principalmente como fruto das degradantes orgias sexuais em nome do culto à fertilidade. Fatalmente, como bem observa Grenzer, essas crianças, abandonadas ou órfãs, quando sobreviviam, estavam fadadas à escravidão, e aquelas que eram filhas de pais muito pobres, também podiam ser vilipendiadas, tratadas como objetos de negociação, e conseqüentemente vítimas de uma sociedade onde o mais forte ou aquele que obtinha o domínio econômico detinha o poder.³⁰

Sem sombra de dúvidas as crianças eram as que mais sofriam diante dos costumes ou das dificuldades enfrentadas pela sociedade antiga. Elas podiam ser sacrificadas aos deuses, podiam ser requisitadas pelos reis para serem seus serviçais (I Sm 8:11-14), podiam ser vendidas como

²⁹ WINTERS, 1993. p. 19.

³⁰ GRENZER, Mathias. **Crianças Roubadas e Penhoradas?** In: GARMUS, Ludovico. (Ed.) Estudos Bíblicos: Criança na Bíblia. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1997. n. 54. p. 57

escravas para pagamento de alguma dívida do pai ou da família (Ne 5.1-5), enfim, a criança na antiguidade sofria danos irreparáveis, mesmo existindo muitas leis que davam amparo e proteção às mesmas.³¹

RELIGIOSIDADE

Segundo as recomendações legais (Ex 12:3 e Dt 16:14) toda família deveria participar das solenidades pascais, inclusive as esposas, filhas, servas e viúvas. As mulheres também tiveram participação ativa na construção do Tabernáculo (Ex 35:20-29), estiveram presentes dançando em grupos, na festividade a Yahweh em Siló (Jz 21:19-21) e Ana e Penina acompanhavam Elcana anualmente nas festas em Siló (I Sm 1:2-7).

Como mencionado anteriormente, as mulheres tinham importante participação nos cultos domésticos. Nestes rituais, geralmente havia o deus protetor de um antepassado proeminente, representado por um *תְּרָפִים* (*terafim*)³² de terracota (Gn 31:19,30,32), que recebia oferendas de incenso e libações.³³

Segundo Alt, os deuses dos pais (das famílias) não estavam restritos a um determinado local, mas geralmente eram vinculados a pessoas (quase sempre ao pai ou chefe da casa) e seus familiares. Também defende que a religião dos pais era politeísta, pois não existia apenas um deus dos pais. Ele se baseia nas distintas divindades: “o Terror de Isaque” e o “Poderoso de Jacó”.³⁴ No entanto, para Schmitt, estas designações seriam revelações diferentes de um mesmo Deus.³⁵

Todavia, talvez o mais sensato fosse afirmar que cada grupo familiar tivesse sua própria experiência religiosa, uma vez que na chamada religião familiar havia um deus da família, venerado como

³¹ MESTERS, 2001. p. 7,8.

³² “ídolos”

³³ DONNER, 2006. p. 93.

³⁴ ALT, apud DONNER, 2006. p. 91

³⁵ SCHMITT, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem.** São Paulo: Vida Nova, 2001.

a divindade pessoal protetora de um antepassado proeminente, do antigo *pater familias*, que era considerado uma espécie de fundador de um culto familiar. O deus familiar cuidava da preservação, da segurança e do bem-estar da família e provavelmente era tido como protetor dos membros individuais da mesma. Provavelmente eles o tinham presente como uma figura de terracota dentro da casa e lhe ofereciam sacrifícios, do que temos pouca comprovação literária, mas testemunhos arqueológicos.³⁶

Kilpp, por sua vez, defende a ideia de que em geral os clãs eram monoteístas, vinculados ao deus do pai. Em outras palavras, cada ancestral tinha uma experiência pessoal com determinada divindade, e tal experiência foi passada para os demais descendentes, tornando-se a experiência marcante daquele determinado grupo.³⁷ Porém, esta demonstração de fé familiar foi se tornando cada vez mais obsoleta e colocada em desuso à medida em que o monoteísmo estatal foi sendo revelado e instituído.

Apesar das controvérsias, principalmente quanto à origem, é no mínimo curioso que o Javismo procurou se salientar através de diversas leis de proteção e de estímulo ao cuidado com os menos favorecidos. Segundo Mesters, o amor à vida e a fé em Yahweh (um Deus que atenta para o clamor do oprimido) foram fundamentais para os vários exemplos de benignidade para com os desamparados, como órfãos, viúvas, pais em sua velhice, entre outros. Infelizmente, esta atitude mais comunitária e de solidário acolhimento prevaleceu principalmente no período pré-monárquico, quando o clã conseguia manter sua função como guardião das tradições e dos costumes.³⁸

³⁶ DONNER, 2006. p. 94

³⁷ KILPP, Nelson. **Monoteísmo no Antigo Israel: uma fonte de conflitos?** Apostila disponibilizada para a disciplina de Teologia do Antigo Testamento, do curso de Integralização de Teologia oferecido pelas Faculdades EST em 2009. p. 2

³⁸ MESTERS, 2001. p. 10-15

CONCLUSÃO

Pode-se dizer que a família na antiguidade apresenta alguns aspectos que a assemelham às famílias de hoje. Há, porém, diferenças exorbitantes, a exemplo da composição ampliada, uma vez que podiam se agregar não somente os de mesma ligação de sangue, mas pessoas com um mesmo objetivo.

Leis e costumes surgiram na tentativa de preservar ou valorizar a união conjugal, tais como o dote (que servia de garantia para o caso de divórcio e/ou falecimento do esposo), a lei do levirato (que acima de uma mera memória do falecido, servia para proteger a viúva), a lei contra o adultério e contra a imoralidade (ambas na tentativa de salvaguardar a família) e as designações sociais (que antes de uma implicação de cunho moral tinha uma intenção de designar o status ao qual a mulher pertencia)

Houve evolução também quanto às moradias: de tendas simples e individuais, que facilitavam a locomoção e a integralização, para as casas com seus cômodos. Quanto ao estilo de vida: do nomadismo e sua liberdade e solidariedade, para a segmentação, e mais tarde para a monarquia e suas controvérsias.

Em geral, a mulher dominava a casa, enquanto o marido dominava o espaço político, as negociações externas. A mãe cuidava da filha, do culto doméstico e da administração da casa, enquanto o pai educava o filho, e era o responsável pelos cultos de sacrifícios e exercia o papel de provedor.

Não obstante esses vários lampejos de dignidade e valorização feminina, muitas vezes não era fácil ter que suportar ou “concorrer” com a(s) esposa(s) secundária(s). Outra grande dificuldade clássica daquele período eram as mortandades por diversas formas e o desleixo para com as crianças.

Quanto à religiosidade, embora no final do período bíblico se fale em monolatria, desde o início há indícios de uma adoração mais abrangente. Porém, a despeito das possíveis controvérsias a respeito, a religiosidade para com Yahweh sempre se mostrou preocupada com os desfavorecidos, com uma religião capaz de olhar para o próximo também.

Enfim, pode-se dizer que a família no AT apresenta distinções, similares e peculiares em relação à família contemporânea. Tinha dificuldades, discórdias e incompreensões, mas também romance, respeito, atenção, cuidado, entre outras atitudes nobres. Não eram tão “primitivos” como se pensa e de semelhante modo, a sociedade hodierna não é tão “civilizada” como se propaga.

REFERÊNCIAS

- BOSETTI, Elena. **A Tenda e o bastão: figuras e símbolos da pastoral bíblica**. Tradução de Floriano Tescarolo. São Paulo: Paulinas, 1995. 273 p.
- CLEMENTS, R. E. **O mundo do Antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas**. São Paulo: Paulus, 1995. 416 p.
- DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos: dos primórdios até a formação do Estado**. 4. ed. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal / EST, 2006. 1 v.
- GERSTENBERGER, Erhard S. **Casa e casamento no Antigo Testamento: seminário da Faculdade de Teologia**. In: Estudos Teológicos. n. 42, p. 81-89. abr. 2002.
- GRENZER, Mathias. **Crianças roubadas e penhoradas?** In: GARMUS, Ludovico. (Ed.) Estudos Bíblicos. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, n. 54. p. 52-57. 1997.
- HARRIS, R. Laird (Org.); ARCHER, Gleason L. Jr.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789 p.
- KILPP, Nelson. **Monoteísmo no Antigo Israel: uma fonte de conflitos?** Apostila disponibilizada para a disciplina de Teologia do Antigo Testamento, do curso de Integralização de Teologia no ano de 2009. 7 p.

MATTHEWS, V. H.; BENJAMIN, D. C. **Social world of Ancient Israel 1250-587 BCE**. Peabody: Hendrickson Publishers, 1995. 327 p.

MESTERS, Carlos. **Meninas e meninos**: sobre a mística que anima a defesa da vida da criança na história do povo de Deus. In: *A Palavra na Vida*. São Leopoldo: CEBI, n. 162. 42 p. 2001.

MEYERS, Carol L. **As raízes da restrição**: as mulheres no antigo Israel. In: *Estudos Bíblicos*, n. 20. p. 9-25. 1988.

REIMER, Haroldo. **Sobre economia no antigo Israel e o espelho de textos da Bíblia Hebraica**. In: REIMER, Ivoni Richter (Org.) *Economia no Mundo Bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: CEBI / Sinodal, 2006. 213 p.

THIEL, Winfried. **A sociedade de Israel na época pré-estatal**. Tradução de Ilson Kaiser, Annemarie Höhn (notas). São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulinas, 1993. 158 p.

SCHMITT, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**: história, método e mensagem. São Paulo: Vida Nova, 2001. 444 p.

WINTERS, Alicia. **A mulher no período pré-monárquico**. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 15. p. 16-27, 1993.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. Tradução de Antônio Steffen. 1. ed. rev. e atual. São Paulo: Hagnos, 2007. 368 p.